



FALÁCIA x ARGUMENTO

Reflexão elaborada por: Norberto Carlos Weinlich¹

Presenciamos e vivemos um momento histórico relevante, em que a sociedade se mostra perplexa diante do cenário político em que a corrupção campeia no Congresso, em conluio com empresas que fizeram acordos espúrios para obtenção de vantagens com mão dupla. A corrupção, seja ela ativa ou passiva, não constitui privilégio desta nova geração.

No antigo império romano, aos militares, a quem cabia o dever legal de prender eventuais criminosos, exigiam uma espécie de dízimo de tudo o que era produzido no campo.

Atribui-se principalmente à corrupção o fato de haver – em tempos de paz -

considerável baixa no quadro de efetivos nos vários regimentos. O soldado “dava” uma escapulida, a fim de praticar atos alheios a sua tarefa militar, dentre as quais namorar e praticar roubos. Isto mesmo: o dinheiro obtido era utilizado, em boa parte, para comprar o próprio chefe.

Como observamos, ocorre tão somente uma “mudança de roupagem”!

Eram os mesmos militares que exigiam, ainda, uma espécie de dízimo de tudo o que era produzido no campo. Assim, os trabalhadores eram obrigados a levar para celeiros públicos parte do trigo colhido para o sustento familiar.

Sêneca, abordando o tema, diz que pilhar as províncias como governador era “o caminho senatorial para o enriquecimento”. O poder central, na maioria das vezes, fazia vistas

grossas, desde, é claro, que recebesse a parte que lhe tocava.

Cícero se tornou senador não pelo fato de ascender de família tradicional, mas pela enorme capacidade oratória (o que engradecia o Senado). Sacam os cofres públicos, movidos por razões alheias à ética social e constitucional.

Com este cenário como pano de fundo, em Filosofia, é necessário conhecer primeiramente, enunciados considerados falsos ou verdadeiros. Para tanto, a metodologia filosófica se utiliza de ferramentas que auxiliam no reconhecimento se uma proposição é mero palpite, interpretação pessoal ou se são verdades aceitas universalmente.

Cícero afirmava: “ O argumento é qualquer coisa que dá fé, credibilidade”. Tomás de Aquino considerava o argumento como “ o que convence a mente a assentir alguma coisa”.

Em síntese, o argumento deve: a) apresentar qualquer razão, prova, demonstração, indício, ou motivo capaz de captar o assentimento e de induzir à persuasão ou à convicção.

Em contraposição, a falácia, - que é considerada quando da elaboração e uso da argumentação – é um tipo de raciocínio *incorreto*, apesar de ter uma aparência de correção, conhecida também como *sofisma*, seja quando contraria as regras do raciocínio correto, seja pela ambiguidade de linguagem, ou quando alguém simplesmente quer enganar o outro, aproveitando-se de sua ingenuidade, boa-fé ou de suas emoções, muito comum em pessoas manipuladoras.

Nada, entretanto, se sobrepõe ao mestre da argumentação e da dialética, Sócrates, cuja capacidade argumentativa foi denominada *maiêutica* (parto). Com o método de

perguntas e respostas, induzia uma pessoa com pouco conhecimento a raciocinar a respeito de um fato ou ideia para, em seguida, fazê-lo deduzir (interpretar) corretamente.

Depois desta viagem no tempo, Edvaldo Renê Missio, em seu artigo publicado no Correio Popular de 17 de maio de 2017, na página A2, com o título *Ética da Esperança*, que “a ética, é aqui entendida como a expressão máxima da conduta humana em vista do bem comum e da justiça social, da prudência do comportamento individual e das principais características da gestão pública em favor de suas necessidades e demandas sociais mais urgentes. ”

Esta quebra de paradigma pode vislumbrar uma luz no túnel, cujo fio condutor ainda segundo Edvaldo, não deve se identificar com o tom de esperança passiva, que delega ao poder público a tarefa do fazer e ditar regras de conduta coercitiva.

Em síntese, nos deparáramos com dois conceitos: Inferência e Fato.

Inferência postula que uma afirmação (**que parece ser um fato**), poderá vir a ser comprovada somente “ **a posteriori**”, e o **fato**, uma afirmação facilmente testada, verificando-se a validade de sua fonte, onde tomamos como exemplo a delação premiada.

De que lado penderá a balança?

Moral e ‘Ética: Para uns, são expressões sinônimas, para outros, um está ligado ao outro – moral à ética ou vice-versa (almas gêmeas). Recorramos ao exemplo a seguir.

Num vilarejo, marido cuida de sua esposa com desvelo, aplicando-lhe morfina diariamente, para minimizar o sofrimento.

Era domingo: ao abrir a prateleira verifica a falta do medicamento! Desesperado, na calada da noite, corre em direção à única farmácia existente para adquirir, no mínimo,

uma ampola. O aviso na placa: *Reabriremos na segunda-feira*.

Toca a campainha, bate palmas, bate à porta, até que a dona da farmácia, esbravejando e aponta para a placa. O cliente implora e argumenta que a dona da farmácia tem conhecimento da *grave* situação!

Em vão! Diz que está cumprindo a lei e retorna aos seus aposentos. Chorando, e revoltado com a falta de sensibilidade, não se conforma: no meio do caminho, retorna e pensa em voz alta: Não vou deixar minha esposa morrer! Arromba a porta, retira do armário a morfina e sai em corrida desabalada para aplicar a injeção, visando salvar a vida de sua companheira!

Extraí os conceitos a seguir do livro do professor Carlos Andriani: ‘Ética e a busca da Conduta Correta’ e classifico a dona da farmácia e o cliente em cada um deles, partindo-se do princípio que: *Nem tudo que é legal é moral e nem tudo que é moral é ético!*

Lei: aquilo a que se deve obedecer e orientando “**O QUE FAZER**”, caso contrário existe o risco de punição. Trata-se de uma pressão externa, fazendo com que o ser humano tenha uma atitude previsível.

A dona da farmácia cumpriu a lei, fechando-a no domingo, enquanto que o cliente faltou com o respeito, arrombando a porta e roubando o medicamento.

Moral: Expressão da cultura, modo de ser de um povo ou de uma organização, constituindo-se em uma pressão do meio para que o indivíduo haja de determinada forma e de acordo com uma referência anterior, dando previsibilidade à ação. Diz “**COMO AGIR**”.

A dona da farmácia não foi sensível aos apelos do cliente, salvaguardando-se na lei. Não custaria nada ir buscar a ampola e

entregar ao cliente. Este, por sua vez, conduta imoral ao roubar o medicamento.

Ética: expressão da essência do indivíduo como ser universal. Ponto de partida para a ação a partir dos *valores essenciais*, intrínsecos que a pessoa recebe ao nascer, formando sua consciência. Define o “**POR QUE FAZER**”, dando sentido à sua ação.

Neste caso, a atitude da dona da farmácia não foi ética, uma vez que estava em jogo a vida de uma paciente. Por outro lado, a conduta do cliente foi ética, uma vez que faria de tudo para salvar a vida de sua esposa. Entretanto, o que não pode ocorrer é a impunidade, já que afrontou a lei. Deveria prestar serviços à comunidade (os meios e os fins devem ser justos).

Portanto, ser ético é quando seu comportamento está de acordo com **sólidos princípios morais** baseados em ideais como *equidade, justiça e confiança*, fundamentados em **valores humanos**: um conjunto de virtudes que compõe a essência do ser humano, independente de ideologia, crença, credo, condição social, religião ou cor, pois tais qualidades são inerentes a todos nós.

Dr. Joaquim Zailton Motta, - um dos articulistas do meu livro *Reflexões para o Despertar da Consciência Ética*, - vem a corroborar os conceitos acima, quando de sua publicação na edição de sábado, dia 3 de junho, com o título ‘Erotismo ético e/ou moral’. Relata: “Começamos pela distinção entre moral e ética. Yves de la Taille, propõe que a moral é o campo do *dever* e refere-se à pergunta ‘**como devo agir**’, enquanto a ética responde à questão ‘**que vida quero viver?**’ Conclui: ...as pessoas que melhor amam tendem a agir eticamente, enquanto que as menos amam tendem a recorrer à moral para se sustentar no dever, na obrigação de respeitar os outros. “

Na mitologia grega, a Caixa de Pandora contém todos os males do mundo: discórdia, guerra, corrupção, doenças do corpo e da mente e somente um único dom: A Esperança. Ela não deveria ser aberta, mas Pandora – a primeira mulher da Terra – desobedeceu a Zeus, fazendo emergir todas as desgraças. E a fechou antes que a esperança pudesse sair, naquilo que se tornou a última consolação humana.

Em relação aos últimos acontecimentos: delação premiada e prisão temporária, entre

outros, devem ser consideradas uma ação legal/ilegal, moral/imoral, ética ou antiética? Vamos deixar a Esperança sair da caixa de Pandora! Cabe a nós também esta ação!

Norberto Carlos Weinlich¹, professor universitário nas áreas de Ética e Gestão do Conhecimento.